


# Hortifruti <sup>Brasil</sup>

Uma publicação do CEPEA - USP/ESALQ  
Ano 1 • Nº 10 • Fevereiro de 2003

**O Brasil  
alcançará  
US\$ 1 bilhão  
com a exportação  
de frutas até 2010 ?**

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA  
SEM PRECISO PAGA

**BANANA  
AMEAÇADA DE EXTINÇÃO?**  
Esclarecendo a polêmica,  
Página 12



**ATITUDE**  
**100%**  
**DUPONT**

## Tudo que você precisa para **proteger seu lucro.**

Atitude 100% DuPont é o programa de prevenção de doenças e pragas, fácil de usar e muito eficiente, criado pela DuPont.

É só adotar uma atitude 100% preventiva e utilizar apenas produtos de tecnologia superior e qualidade assegurada, como os produtos da linha DuPont.

Tomar uma Atitude 100% DuPont é simples. E o seu tomate fica protegido contra os inimigos que atacam sua produtividade.

**Converse sobre a Atitude 100% DuPont com a sua revenda ou consulte seu representante DuPont.**

**É o que você precisa para proteger seu lucro.**

**DUPONT**

*Os milagres da ciência\**

**Midas BR**  
Exclusividade DuPont

**Rumo**  
Exclusividade DuPont

**Curzate**  
Exclusividade DuPont

**Equation**  
Exclusividade DuPont

**Kocide WDG**  
FUNGICIDA BACTERICIDA  
BioActive

**ATENÇÃO:** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônômico.



0800 701-0109

**Tele DuPont**  
AGRICOLA  
0800-707-5517  
Ligação gratuita de todo o Brasil

Por Renata Cintra, Aline Vitti  
e Renata dos Santos(\*)



(\*) A Eng. Agr. Renata dos Santos (ao centro) foi responsável pelo estudo sobre o potencial exportador brasileiro. Renata Cintra (à esquerda) e Aline Vitti, estudantes de agronomia, organizaram as declarações do Fórum de Idéias.

## O Brasil já fez sua lição de casa, mas faltam compradores...

Apesar do aumento das exigências por parte dos importadores de frutas, os produtores brasileiros, principalmente do Vale do São Francisco, têm se adaptado sem grandes dificuldades às novas barreiras não tarifárias impostas pela União Européia.

A partir de 2003, bloco irá proibir o uso de 320 substâncias utilizadas na produção de pesticidas. O objetivo é restringir os produtos químicos prejudiciais à saúde, priorizando apenas os registrados pelo país importador, respeitando também doses e período de carência estipulados, visando ao uso racional dos produtos químicos.

Além da restrição de substâncias químicas, a adoção do sistema de Produção Integrada de Frutas (PIF) também será um dos requisitos para a exportação da fruta ao mercado europeu. Desde 1998, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento regulamentou esse sistema de produção, lançando-o oficialmente para a cultura da maçã. A partir de então, a portaria vem sendo ampliada para as principais culturas de exportação do Brasil (manga, uva, maçã, banana e citros).

Além disso, o mercado europeu tem priorizado, cada vez mais, o GAP (Boas Práticas de Produção Agrícola), ou seja, a adoção correta de práticas de manejo, considerando padrões de preservação do ambiente e segurança dos consumidores, mediante a rastreabilidade e qualidade dos produtos. Há também preocupação com o aspecto social no que diz respeito aos direitos dos trabalhadores e de seus familiares envolvidos na produção agrícola.

No Brasil, os principais exportadores de manga e uva do Vale do São Francisco já estão se adequando ao sistema de produção imposto pela União Européia ao obter o protocolo EUREP-GAP, um dos selos de certificação voluntário que vem ganhando evidência no setor. Ele é

exigido pelos principais redes de supermercados e varejistas europeus. A expectativa dos exportadores brasileiros é que a certificação possa representar uma forma de diferenciação do produto e dos produtores, pois aqueles que obtiverem o selo de certificação (EUREP-GAP) terão vantagem frente aos importadores europeus, por garantir um produto seguro ao ambiente e ao consumidor.

Apesar das questões sociais impostas pela certificação ainda não estarem completamente esclarecidas e de não serem aplicadas nas propriedades brasileiras, a Hortifruti Brasil conversou com alguns especialistas no assunto. Eles acreditam que o Brasil tem agilidade e capacidade para atender às normas e exigências do mercado europeu (veja o Fórum de Idéias, p. 18 e 19).

Contudo, um estudo realizado pelo Cepea (tópico da matéria de capa desta edição, p.8 a11), mostra que atender às exigências dos importadores não representa diretamente ampliação do mercado, nem mesmo que o Brasil chegará a exportar US\$1 bilhão em 2010, como estipulado pelo governo. O mercado internacional está cada vez mais restrito e a demanda por frutas deve crescer a taxas menores nos próximos anos. No médio prazo, poderemos enfrentar excesso de oferta de frutas nacionais na Europa, já que o Brasil consegue comercializar em apenas algumas janelas de mercado. Enfim, para aumentarmos as exportações brasileiras, é preciso ampliar e buscar novos mercados. O dever de casa de produzir com responsabilidade, priorizando a segurança alimentar, já está sendo feito. Resta ao Brasil procurar novos compradores.

## 8 Capa



Foto: ARQUIVO

ALCANÇAREMOS US\$1 BILHÃO COM AS EXPORTAÇÕES DE FRUTAS ATÉ 2010?

A matéria de capa desta edição avalia o potencial exportador brasileiro e comenta as principais perspectivas do setor

## 3 Editorial

## 4 Cartas

## 18 Fórum de Idéias

## SEÇÕES

### 5 Batata

*Oferta deve aumentar*

### 6 Cebola

*Argentina chega com vontade*

### 7 Tomate

*É pico de safra!*

### 12 Banana

*Banana ameaçada de extinção?*

### 13 Laranja

*SE suaviza escassez da oferta*

### 14 Manga

*Agora é vez da keitt*

### 15 Uva

*Pico de safra em São Paulo*

### 16 Melão

*Oferta do Vale promete aumentar*

### 17 Mamão

*Cai oferta do oeste baiano*

**Arames de Qualidade**



Belgo Bekaert Arames S.A.

**0800-313100**

**www.belgobekaert.com.br**

**HORTIFRUTI BRASIL**

Sou eng. agrônomo e produtor de hortifruti na região de Bauru. Conheci a publicação Brasil Hortifruti e confesso que fiquei muito impressionado com o trabalho de vocês. Esse periódico consegue amenizar bastante a carência de informações objetivas e de qualidade, que existe em nosso setor. Parabéns pelo trabalho.

*Fernando Cabreira Fernandes  
Bauru/SP*

**A AGRICULTURA ORGÂNICA RECLAMA**

Não temos intenção de continuar recebendo as suas mensagens periódicas com referência a sua revista a qual é vendida para as maiores firmas de agrotóxico que operam no Brasil. A nossa empresa repudia a agricultura quimicalizada e tóxica. Por essa razão, por favor, nos retire da sua mailing list.

*Jose Luiz M. Garcia*

A Hortifruti Brasil é distribuída gratuitamente a todos os interessados na área de negócios e economia da cadeia hortícola. Para arrecadar fundos, tornando assim o Projeto viável, disponibilizamos alguns espaços publicitários em que qualquer empresa de pequeno a grande porte (seja química ou não) pode apoiá-la. Inclusive já tivemos o apoio da Microgeo, uma empresa que vende insumos para a agricultura orgânica (confira edições nº 3, 4 e 5). Nossa linha editorial é bastante ética e não favorece nenhuma empresa do setor. Convidamos a todos da comunidade hortícola para conhecer nosso trabalho e nos visitar aqui no Cepea/Esalq. De qualquer forma, respeitamos seu pedido - estamos retirando seu endereço da nossa lista eletrônica.

**CUSTO DE PRODUÇÃO**

Gostaria de receber informações técnicas e custo de produção sobre cultivo de tomate orgânico (com e sem plasticultura) e tomate cereja.

*Maria Inez*

O Cepea ainda não levanta os custos de produção de nenhuma cultura analisada na Hortifruti Brasil. Sugerimos uma consulta ao Instituto de Economia Agrícola (IEA), no endereço: [www.iea.sp.gov.br](http://www.iea.sp.gov.br) ou pelo tel. 11 5073 0244.

**PRODUTIVIDADE DA BATATA**

No Brasil, a produtividade da batata é 800 sacas por alqueire ou por hectare?

*Amauri Tavares*

*Pilar do Sul/SP*

O rendimento médio da batata no Brasil está em torno de 360 sacas de batata/ha. Houve casos excepcionais em que se registrou uma colheita de até 800 sc/ha da cultivar ágata, em São Paulo. A média nacional da cultivar mais produzida, a monalisa, está em torno de 600 sc/ha.

Hortifruti Brasil  
hfbrasil@esalq.usp.br  
CP 132 CEP 13400-970  
Piracicaba/SP

**ERRATA**

Na edição nº 9 da Hortifruti Brasil, p. 13, a receita gerada com a exportação de banana até outubro de 2002 aumentou 127,2% e não 67%.

Na edição nº 8 da Hortifruti Brasil, a produtividade da batata em situação normal é de 1.500 sacas por alqueire e não por hectare, como foi divulgado na p. 8.

**EXPEDIENTE**

**CEPEA**

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/ESALQ

**Editor Científico:**

*Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros*

**Editora Executiva:**

*Margarete Boteon*

**Editora Econômica:**

*Mirian Rumenos Piedade Bacchi*

**Editora Assistente:**

*Ana Júlia Vidal*

**Diretor Financeiro:**

*Sergio De Zen*

**Jornalista Responsável:**

*Ana Paula da Silva - MTB: 27368*

**Revisão:**

*Mariana B. Perozzi Gameiro*

**Equipe Técnica:**

*Aline Vitti, Ana Júlia Vidal, Carolina Dalla Costa, Eveline Zerio, Ilonka M. Eijsink, João Paulo B. Deleo, Maria Luiza Nachreiner, Mateus Holtz C. Barros, Marina L. Matthiesen, Margarete Boteon, Mauro Osaki, Renata Ferreira Cintra, Renata R. P. dos Santos e Tatiana Vasconcellos Biojone.*

**Apoio:**

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários  
Luiz de Queiroz

**Projeto Gráfico e Capa:**

JR&M Propaganda e Marketing  
Fone: 19 3422-0634 - jr@m@merconet.com.br

**Fotolitos:**

Nautilus Estúdio Gráfico  
Fone: 19 3422-4220  
nautilus@merconet.com.br

**Impressão:**

MPC Artes Gráficas  
Fone: 19 451-5600 - mpc@mpcgrafica.com.br

**Tiragem:**

6.500 exemplares

**Contato:**

C.Postal 132 - 13400-970 - Piracicaba SP  
Tel: 19 3429-8809 - Fax: 19 3429-8829  
hfbrasil@esalq.usp.br  
<http://cepea.esalq.usp.br>

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/Esalq. A reprodução de matérias publicadas pela revista é permitida desde que citada a fonte e a devida data de publicação.

\* Verificar recomendação da bula e registro do produto.

## Para quem quer mais do que uma força na cultura. A Hokko oferece quatro.



**SEGURO**  
É taxa verde na aplicação.



**MANEJO**  
Preserva os inimigos naturais.\*



**MUNDO**  
É utilizado ao mundo inteiro.



**EFICAZ**  
Controla as pragas em diversos tipos de cultura.\*



Orthene é um produto de uso universal e os seus resultados foram comprovados por milhares de agricultores no mundo inteiro através de experimentos científicos realizados nos principais centros científicos internacionais.

# ORTHENE



**ATENÇÃO** Este produto é registrado e comercializado sob o nome de Orthene. Não utilizar este produto em culturas não autorizadas. Não utilizar este produto em culturas não autorizadas. Não utilizar este produto em culturas não autorizadas. Não utilizar este produto em culturas não autorizadas.





*Os estados do Paraná e Minas Gerais devem colher em ritmo intenso em fevereiro*

## Oferta deve aumentar

### Mais batata no mercado

Para fevereiro, o setor bataticultor espera o aumento do tubérculo no mercado interno, dado o acréscimo da oferta dos estados do Paraná e Minas Gerais, no período. A região de Guarapuava (PR), por exemplo, intensificou a colheita da sua safra apenas na segunda quinzena de janeiro, devendo mantê-la em ritmo forte até o mês de fevereiro, com oferta prevista até junho. Outros municípios do Paraná, como Araucária e Contenda, abastecem o mercado regional "in natura", enquanto Ponta Grossa e Castro devem abastecer as agroindústrias locais. A estimativa é de que sejam produzidas, na safra das águas paranaense 02/03, cerca de 334 mil toneladas de batata, queda de 22,2% em relação à safra anterior, segundo dados do Deral (Departamento de Economia Rural da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná). No Triângulo Mineiro, a colheita esteve lenta em janeiro e a tendência é que se intensifique em meados de fevereiro. Da mesma forma, no Alto do Paranaíba (MG), espera-se que o volume ofertado seja maior no final do mês. Os agentes locais ainda não têm uma amostra da qualidade das batatas que serão colhidas nessas regiões, mas afirmam que a parte aérea das plantações ainda não foi afetada pelas chuvas e pelas altas temperaturas que atingiram o estado no mês de janeiro. O Sul de Minas, bem como a região de Guarapuava, foram as principais regiões pro-

dutoras de batata durante o mês passado, devendo manter essa posição em fevereiro. Outras regiões, como Itapetininga (SP), Vargem Grande do Sul (SP), Vertentes (MG) e Serra da Mantiqueira (MG), encerraram a produção, ou grande parte dela, em janeiro.

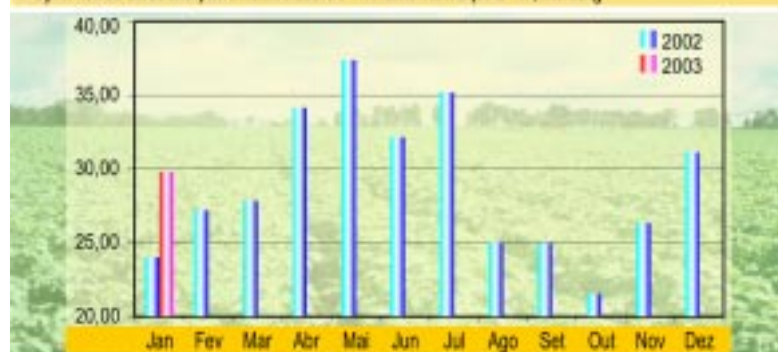
### Os efeitos da água

No decorrer de janeiro, as chuvas que atingiram boa parte das regiões brasileiras afetaram a produção e o mercado de batata. Nas lavouras, os principais efeitos das precipitações foram a interrupção da colheita e o aumento do ataque dos patógenos nas roças em desenvolvimento, como observado no sul de Minas Gerais, onde se registrou perda na qualidade e na produtividade do tubérculo. As principais doenças verificadas nas plantações de batata surgem com o excesso de chuvas e altas temperaturas, como a canela preta (causada pela bactéria *Erwinia* sp), a pinta preta (fungo *Alternaria solani*), a requeima (fungo *Phytophthora infestans*). Dessa forma, os produtores precisam realizar semanalmente duas ou três pulverizações com os defensivos agrícolas preventivos, ao invés de apenas uma pulverização, como

se aplica em períodos de clima favorável. O aumento do número de aplicações de defensivos é comum para o cultivo de batata na safra das águas, o que eleva os custos de produção. Principalmente nesta safra, a desvalorização do real provocou um aumento excessivo nos preços dos insumos agrícolas, já que grande parte dos produtos é importada. Apesar do preço da batata ter registrado um valor médio 24% superior em janeiro, comparando-se com o mesmo período do ano passado, os produtores estão com a margem de lucro reduzida, em função do alto *custo de produção*. No Paraná, as principais regiões produtoras também foram atingidas por chuvas em janeiro, mas não se observou grandes perdas na qualidade do produto. De acordo com as estimativas do Deral, cerca de 55% da produção paranaense já havia sido comercializada até a primeira quinzena do janeiro, período de maior incidência de chuvas no estado.

### Monalisa inicia 24% mais valorizada em 2003

Preços médios recebidos pelos beneficiadores - monalisa na máquina - R\$/sc 50kg



Fonte: Cepes

*A quebra da safra do Sul deve elevar a procura por cebola argentina*

# Argentina chega com vontade



## Argentina quer exportar

Ao contrário do ocorrido no ano passado, em 2003, a cotação do peso nos mesmos níveis do real não influencia as compras de cebola argentina. O que deve elevar a procura brasileira pelo produto argentino é a quebra de safra nas regiões sulistas do país. Neste ano, houve um aumento em torno de 30% da área cultivada na Argentina, de acordo com os produtores locais. Entretanto, alguns agentes de mercado sugerem que a real expansão deva ser superior ao número estimado. O crescimento de área na Argentina pode estar relacionado à expectativa positiva dos produtores locais quanto às exportações para o Brasil, pois desde o primeiro semestre de 2002 já se esperava os efeitos do El Niño nas regiões produtoras do Sul brasileiro. Vale lembrar que no ano passado houve um quadro similar com a quebra de safra em Santa Catarina, além da desvalorização do peso frente ao dólar, deixando os agricultores argentinos com boas perspectivas para este ano.

## El Niño encurta safra nacional

As fortes chuvas que atingiram as regiões produtoras do Sul do Brasil, nos últimos meses de 2002, causaram quebra na safra de cebola deste ano. Agentes do setor estimam que a perda tenha sido de aproximadamente 50% da produção total, tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina. Dessa forma, o período de oferta do bulbo no mercado nacional deverá ser menor. A oferta gaúcha não deve passar de fevereiro e a catarinense deve chegar até abril.

## Consumidor pede qualidade

Desde dezembro, produtores argentinos tentam colocar cebola no mercado brasileiro. Porém, a pouca qualidade apresentada pela variedade valenciana não atraiu as importações. Em janeiro, houve novas expectativas quanto à chegada do bulbo argentino, desta vez, da variedade precoce (sintética 1), com

qualidade superior à valenciana, mas bastante inferior à sintética 14. Entretanto, a cebola argentina só deve entrar com um volume significativo no Brasil a partir de fevereiro, com o início da oferta

## Vale do São Francisco produzirá em março

A região do Vale do São Francisco antecipará sua safra do primeiro semestre. O transplante do bulbo na região começou no final de dezembro, intensificando-se em janeiro e com início das colheitas previsto para o final de março. O volume ofertado na região durante os primeiros meses de colheita não deverá ser muito grande, atendendo somente à demanda local. A variedade cultivada é a ipa, que é melhor adaptada ao clima regional, principalmente neste período.

## Irecê aumenta área

A região de Irecê (BA) registrou aumento na área cultivada para a safra do primeiro semestre deste ano. Estima-se um total de mil hectares ocupados pela cultura, superando em torno de 40% o ano anterior. Os baixos preços recebidos pelos produtores locais na safra do segundo semestre de 2002 contribuíram para esse crescimento de área, fazendo com que, neste ano, eles preferissem concentrar todo o plantio no primeiro semestre. Dessa forma, em meados de março, deverá haver oferta de ipa e de texas gran provenientes dessa região.



Por Mateus Holtz C. Barros,  
Carolina Dalla Costa e  
Ana Júlia Vidal

Ribeirão Branco, Apiaí e Caçador  
colhem em fevereiro

## É pico de safra!

FOTO: SYNGENTA

### Oferta deve aumentar

As principais regiões produtoras de tomate deverão estar em pico da safra em fevereiro. No estado de São Paulo, as cidades de Apiaí e Ribeirão Branco devem apresentar maior ritmo de colheita. Elas são as maiores produtoras da região de Itapeva e juntas devem colher cerca de 16 milhões de pés de tomate entre janeiro e meados de abril. Ribeirão Branco, também ao redor de Itapeva, atrasou em quase um mês o início da safra, prejudicada pela geada de setembro (muitas lavouras tiveram que ser replantadas). Neste ano, segundo os produtores da região, as plantações estão apresentando um ótimo rendimento: em média, 300 caixas por mil pés. Outra importante região que estará em pico da safra em fevereiro é Caçador (SC). Essa cidade vem aumentando sua participação no mercado nos últimos anos e hoje está entre as maiores produtoras do país. Em 2003, a área plantada na região catarinense foi aproximadamente 20% superior à da safra de 2002. Espera-se que, até abril, sejam colhidos entre 13 e 14 milhões de pés de tomate. As lavouras de Caçador sofreram no segundo semestre de 2002 com chuvas acima da média histórica. Segundo produtores locais, houve aumento na incidência de bacterioses, mas nada que afetasse o rendimento das lavouras. Alguns comerciantes, contudo, afirmam que a qualidade do tomate desta safra de Caçador é menor que a da anterior. De

modo geral, espera-se que a oferta, durante fevereiro, seja inferior ao mesmo período de 2002, já que a região de Itapeva deve reduzir sua área em proporções maiores ao aumento da área previsto em Caçador. Nesta época do ano, normalmente os preços são ditados pelo clima. Chuvas e até mesmo o calor excessivo podem alterar a maturação no campo e afetar o mercado. Até meados de janeiro, havia expectativa de preços estáveis ou até mesmo mais altos para fevereiro, em relação ao mesmo período do ano passado.

### Como estão as regiões que estão em plantio

Entre os meses de janeiro e fevereiro, produtores de Sumaré (SP), Mogi-Guaçu (SP), Araguari (MG) e Anápolis (GO) iniciam a semeadura de tomate para a formação das mudas. Espera-se que a área plantada seja semelhante à do ano anterior, podendo haver diminuição em algumas regiões. Uma expansão da área neste ano até seria possível, já que, no segundo semestre de 2002, os preços do produto atingiram altas cotações, chegando a R\$30,00/cx, na roça. Porém, o receio dos produtores em relação à incidência da mosca branca, que arrasou safras passadas, e ao elevado preço dos

### Início do ano nas roças

Preços recebidos pelos produtores Tomate Salada AA Longa Vida - R\$/cx 23kg

Ano	Mês	Caçador (SC)	Itapeva (SP)	Venda Nova do Imigrante (ES)
2002	jan	9,75	11,00	11,55
2002	fev	9,98	12,17	13,29
2003	jan	8,09	8,86	10,04

Fonte: Cagesp

insumos deve impedir um aumento na área plantada nessas regiões. Segundo agentes de cada região, deve-se plantar cerca de 4,6, 10 e 11 milhões de pés em Sumaré, Mogi-Guaçu/Monte-Mor e Araguari, respectivamente. Em Goiás, a situação é a mais crítica. Para 2003, Anápolis e Goianápolis, juntas, não devem plantar mais do que 5 milhões de pés de tomate. Em anos anteriores, a região chegou a colher mais de 15 milhões de pés de tomate voltado para mesa. Alguns produtores estão testando novas variedades resistentes ao vírus do mosaico, embora ainda em pequenas áreas.

### Consumo trava e derruba preços em 2003

Preços de venda do tomate salada AA longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx 23kg



Fonte: Cagesp

# Alcançaremos US\$ 1 bilhão com a exportação de frutas até 2010 ?

*Estudo realizado pelo Cepea avalia a capacidade exportadora do Brasil e as perspectivas no mercado internacional de frutas*

As projeções são otimistas. Em 2001, o montante gerado com a exportação de frutas brasileiras foi de US\$ 221 milhões, segundo a Secex (Secretaria do Comércio Exterior). O governo acredita que a venda externa de frutas possa chegar a US\$ 500 milhões daqui a dois anos e a US\$ 1 bilhão em 2010. Isso significa um aumento médio da receita de US\$ 80 milhões ao ano.

Apesar dessas expectativas, a FAO prevê uma menor taxa de crescimento das importações de frutas pela Europa e pelos Estados Unidos nos próximos anos. Além disso, as janelas de mercado - períodos em que o Brasil comercializa no mercado externo - estão cada vez mais fixas, limitando a expansão das exportações. Há de ser considerado ainda os tradicionais entraves, como barreiras tarifárias, não - tarifárias e o "custo Brasil".

Essas dificuldades tornam-se ainda mais claras quando se constata que, em nível mundial, a fruticultura tropical ocupa uma área plantada pouco expressiva - quase restrita aos países localizados na faixa tro-

pical do planeta - em relação à fruticultura de clima temperado.

Em 2002, o crescimento das importações ficou abaixo dos US\$ 80 milhões/aa previstos. Entre janeiro e dezembro de 2002, as principais frutas apresentaram um incremento de receita muito menor, na ordem de US\$ 27 milhões sobre o total de 2001.

Diversos estudos indicam os fatores que dificultam a participação do Brasil na exportação de frutas e vegetais, como:

- a) imposição de barreiras fitossanitárias por outros países, principalmente pelos EUA;
- b) elevadas tarifas e impostos em cascata cobrados sobre toda a cadeia de frutas, além de altas taxas de juros;
- c) ausência de política de defesa fitossanitária de âmbito nacional;
- d) qualidade inadequada às exigências dos compradores, além de expressivo mercado doméstico de algumas frutas, que contribui para uma certa negligência do setor produtivo;

e) falta de um programa de marketing agressivo sobre as frutas tropicais, já que são desconhecidas por grande parte dos consumidores de outros países;

- f) precária infra-estrutura de estradas, portos e aeroportos, influenciando negativamente no escoamento da produção; e,
- g) irregularidade de oferta do produto para os consumidores internacionais, acarretando em problemas de permanência no mercado e dificultando contratos que assegurem a manutenção das cotas de comercialização. Esse fato é evidenciado pela baixa frequência de navios próprios para o transporte de frutas, especialmente nos portos nordestinos.

Apesar das dificuldades, é grande o potencial da fruticultura tropical nacional para dinamizar as exportações, com destaque para a região Nordeste. A fruticultura é um dos setores mais qualificados para produzir empregos e gerar divisas para o país. O Brasil é um grande produtor mundial de frutas e pode exportar alguns produtos praticamen-



**Tabela 1 – POTENCIAL EXPORTADOR DOS PRODUTOS-ALVO DA HORTIFRUTI BRASIL**

	<b>Principais Resultados</b>	<b>Potencial</b>
<b>MANGA</b>	Apesar de ter perdido lugar no ranking dos maiores produtores de manga (passando de 6º para 8º lugar), o Brasil conseguiu aumentar as exportações da fruta fresca nos últimos anos, passando de 6º para 2º maior exportador mundial. Na década 80, o Brasil apresentou crescimento superior no volume exportado se comparado a seus concorrentes. Na última década, o Brasil continuou crescendo a taxas maiores que as de seu principal concorrente – o México. No entanto, países da América Central estão ganhando espaço no mercado e vêm se constituindo concorrências crescentes às exportações brasileiras da fruta. Segundo a FAO (2002), a taxa de crescimento do consumo até 2005 deve ser menor do que a observada nas últimas décadas, passando de 12,3% para 3,9% ao ano.	<b>ALTO</b>
<b>LIMÃO / LIMA</b>	O Brasil é o 6º maior produtor mundial de limões/limas e tem mantido sua posição quanto à produção inalterada nos últimos 20 anos. Quanto às exportações, no entanto, o Brasil apresentou considerável crescimento, passando de 56º para 14º no ranking dos maiores exportadores mundiais de limões/limas. Comparativamente com os principais concorrentes, o Brasil apresentou crescimento mais acelerado, obtendo ganhos na fatia de mercado de exportação do produto. O crescimento mundial acelerado nos últimos anos não deve ser mantido, em função da saturação dos mercados. No entanto, a variedade brasileira (lima ácida Tahiti) está sendo bastante difundida no mercado, principalmente europeu, devido à difusão do consumo de caipirinha. Assim, apesar da previsão da FAO de taxas mais lentas de crescimento das exportações para a próxima década, o Brasil pode apresentar um ganho diferenciado.	<b>ALTO</b>
<b>MAMÃO</b>	O Brasil se mantém como maior produtor mundial de mamão nos últimos 20 anos. Apesar de ter obtido ganhos na participação do comércio mundial nesse período, passando de 3º maior exportador mundial da fruta para 2º lugar, o Brasil cresceu a taxas mais lentas na última década, deixando ao México, seu principal concorrente, o 1º lugar no comércio externo. A previsão, segundo a FAO (2002), é de taxas menores de crescimento do consumo mundial até 2005. No entanto, o Brasil está aumentando suas exportações para os Estados Unidos, principal mercado comprador da fruta, o que pode favorecer as exportações nos próximos anos. A competitividade do Brasil no mercado internacional é alta em função da constância e alta qualidade das variedades ofertadas. No entanto, a proximidade do mercado norte-americano faz com que o México detenha a maior fatia desse mercado.	<b>ALTO</b>
<b>MELÃO</b>	Apesar da produção brasileira de melão ser insignificante em relação aos principais produtores, o Brasil está em 7º lugar no ranking das exportações da fruta fresca. A implantação de variedades nobres de melão no Nordeste brasileiro pode contribuir para um aumento nas exportações brasileiras da fruta, já que o mercado demanda cada vez mais essas variedades. O principal importador mundial de melão são os Estados Unidos, porém o Brasil não consegue entrar nesse mercado em função da alta competitividade com o México, maior exportador da fruta. O crescimento das importações mundiais manteve-se estável em 7% ao ano nos últimos 20 anos.	<b>MÉDIO</b>
<b>UVA</b>	O Brasil perdeu lugar no ranking de produção mundial de uvas de mesa, passando de 14º a 16º maior produtor. Da mesma forma, as exportações brasileiras também passaram a ocupar posições inferiores na última década, caindo de 16º a 19º maior exportador da fruta fresca. As importações mundiais de uvas de mesa mantiveram um ritmo positivo e constante nos últimos 20 anos, crescendo em média 5% ao ano. A tendência mundial é de aumento do consumo das variedades sem sementes. Apesar do maior volume embarcado ser da uva com semente, o Brasil está se reestruturando e já investe na produção dessas variedades na região Nordeste.	<b>MÉDIO</b>
<b>TANGERINA</b>	A produção brasileira de tangerinas é a quarta maior do mundo, no entanto as exportações não são muito significativas. O crescimento do consumo mundial na última década ocorreu mais rapidamente, quando comparado à década de 80, porém, a previsão da FAO é de que o consumo passe a crescer mais lentamente até 2005. O Brasil apresentou menor crescimento nas exportações comparativamente a seus principais concorrentes em função da baixa competitividade com relação às variedades comercializadas (mercado externo prefere sem sementes) e das barreiras fitossanitárias impostas, tanto pelos EUA quanto pela UE.	<b>MÉDIO</b>
<b>LARANJA</b>	Apesar do crescimento mais lento observado na última década, o Brasil continua sendo o maior produtor mundial. No entanto, quanto às exportações <i>in natura</i> , o país não está entre os primeiros do ranking, tendo inclusive, perdido espaço no mercado internacional. Em relação aos seus principais concorrentes, o Brasil foi o país que obteve menor crescimento das exportações nos últimos 10 anos. Assim, apesar das taxas de crescimento da demanda mundial dessa fruta estar prevista para aumentar até 2005 a passos mais largos em relação à década passada, o Brasil não tem acompanhado essa tendência em função da baixa competitividade em relação aos seus concorrentes e da elevada produção de variedades voltadas à industrialização, inadequada à exportação <i>in natura</i> .	<b>BAIXO</b>

te e o ano todo. No entanto, participa de apenas 1% do comércio externo.

Aumentar as exportações é extremamente importante para a cadeia produtiva de frutas. A venda externa representa uma das principais alternativas para aumentar a rentabilidade do setor e escoar o aumento da oferta esperado para os próximos anos. Além disso, pode remunerar os elevados investimentos realizados até hoje.

O Brasil se encontra também em posição geográfica privilegiada em relação a outros países. Isso proporciona clima adequado e facilita o escoamento da produção a partir de diferentes pontos do país.

Com base nessas condições, a Hortifruti Brasil divulga as principais conclusões preliminares de um estudo que está sendo realizado no Cepea sobre a capacidade exportadora do Brasil e suas perspectivas. O objetivo é apresentar a potencialidade produtora/comercial brasileira para atender o mercado internacional de frutas, através da avaliação da competitividade do país perante seus concorrentes. Pretende-se também analisar as perspectivas do

consumo mundial dos principais importadores da fruta brasileira no longo prazo.

Os produtos em análise são manga, mamão, melão, uva e citros (laranja, limão e tangerina), já que esse grupo, segundo dados da Secex, foi responsável por 68% do total gerado pela exportação de frutas brasileiras em 2002. Além disso, são produtos pesquisados periodicamente pela Hortifruti Brasil/Cepea. As principais considerações sobre cada produto estão nas Tabelas 1 e 2.

---

### *Manga, mamão e tahiti são os destaques na pauta de exportação de frutas*

---

Analisando as variedades estudadas, observa-se que as frutas com maior potencial de crescimento no mercado externo são a lima ácida tahiti, o mamão e a manga. Uva, melão e tangerina devem acompanhar o crescimento mundial, enquanto a laranja vem perdendo espaço no mercado internacional (Tabelas 1 e 2).

Quanto aos países que concorrem diretamente com o Brasil, o México é o principal concor-

rente da maior parte das frutas brasileiras.

O grande fator de competitividade do México em relação ao Brasil é a proximidade com o mercado norte-americano. Além disso, o país apresenta facilidades de entrada nesse mercado em função do Nafta, que proporciona vantagens na comercialização com os países da América do Norte.

O Chile, muito difundido como um grande competidor nessa área, só se estabelece como forte concorrente na exportação brasileira de uva e em alguns meses (março e abril).

### Potencial Fruticultor Brasileiro

Os grandes pólos produtores brasileiros possuem alta capacidade de abastecimento do mercado internacional. No entanto, é essencial a organização para comercialização, principalmente de produtos que são mais competitivos em algumas janelas do ano, como o melão, o limão e a manga. A alta capacidade de produzir para o mercado internacional pode refletir em excesso de oferta nas janelas de mercado brasileiras, reduzindo os preços obtidos pelos exportadores nacionais.

Assim, a possibilidade de crescimento das exportações de frutas brasileiras é grande, mas não necessariamente representa aumento da receita. A ampliação das janelas de mercado poderia ser favorável no sentido de diluir a concentração de oferta, possibilitando maiores ganhos.

Comparando as sete frutas brasileiras analisadas com os demais países produtores concorrentes, o mamão, manga e lima ácida se destacam das demais, principalmente pela elevada competitividade em relação a seus concorrentes na União Européia. Nos



Foto: Modallink - RV

Tabela 2 – COMPETITIVIDADE DO BRASIL NO MERCADO INTERNACIONAL

Produto analisado	Participação do Brasil		Perspectivas gerais de crescimento do consumo global em 2005		Principais pólos produtores com potencial exportador	Competitividade do Brasil em relação aos concorrentes para os principais destinos	
	Produção mundial (%) <sup>1</sup>	Comércio mundial (%) <sup>1</sup>	Volume (mil ton) <sup>1</sup>	Taxa de crescimento (a.a %) <sup>1</sup>		União Européia <sup>3</sup>	Estados Unidos <sup>3</sup>
Laranja	27,7	1,7	34.746	2,3	São Paulo	Baixa	Baixa
Tangerina	5,45	0,48	16.100	3,2	São Paulo	Baixa	Baixa
Limão/Lima	5,31	0,54	7.772	2,2	São Paulo	Média	Baixa
Mamão	26,64	13,96	118	3,5	Espírito Santo/ Bahia	Alta	Média
Manga	2,15	10,79	459	3,9	Petrolina/ Juazeiro	Alta	Média
Melão	0,7	3,93	nd	nd	Mossoró	Média	Baixa
Uva	1,63	0,53	nd	nd	Petrolina/ Juazeiro	Baixa	Baixa

Fonte: <sup>1</sup> FAO(2000); <sup>2</sup> Cepea / ESALQ; <sup>3</sup> Unctad (2002)

Estados Unidos, a forte competitividade com o México faz com que alguns produtos possam ser comercializados apenas em determinadas janelas, como é o caso da manga. Para o mamão, principalmente o papaia, mais investimentos em marketing e em uma distribuição mais barata poderiam elevar as exportações para os EUA. O transporte do mamão brasileiro para os Estados Unidos é normalmente aéreo.

Finalmente, pode-se considerar que a laranja e a tangerina possuem um potencial menor de expansão do volume exportado. No caso da uva, apesar de sua competitividade ser considerada baixa atualmente, o eixo Petrolina/Juazeiro está se reestruturando, priorizando variedades mais aceitas no mercado internacional.

Outras frutas também devem ser consideradas para a avaliação do potencial exportador brasileiro. Comparando com 2001, a banana em 2002 teve um aumento de 109% em receita e 129% em quantidade embarcada, segundo os dados do Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Esse aumento deve-se ao ganho de competitividade obtido pelo Brasil

***Sem incentivos, é improvável que as exportações brasileiras atinjam a expectativa do governo de gerar US\$ 1 bilhão em 2010***

em relação ao produto equatoriano comercializado na Argentina, já que banana nacional é negociada a preços mais atrativos. Além disso, houve embarque do produto de alta qualidade para o Reino Unido.

Em suma, avaliando o desempenho das vendas brasileiras, o cenário internacional e os principais países competidores, é improvável que as exportações brasileiras atinjam a expectativa do governo de gerar US\$ 1 bilhão em 2010, caso o cenário econômico brasileiro, bem como o produtivo interno e externo, além das taxas de crescimento internacional permaneçam similares aos últimos anos.

A geração de divisas de frutas brasileira só crescerá num ritmo maior que o atual se outras medidas específicas para a fruticultura forem adotadas.

Uma política comercial externa mais agressiva por parte do governo somada a financiamento para produção e exportação, investimento em pesquisas para novas variedades, melhorias na qualidade do produto (mais do que propriamente na produção) e na organização da comercialização são sugestões para ampliar as exportações brasileiras de frutas.

Paralelamente, as vendas devem ser estrategicamente direcionadas a diversos blocos. A conquista de novos mercados, como asiático, é vital para a manutenção da rentabilidade e aumento das exportações, evitando concentrar o produto brasileiro num único país e em determinadas épocas do ano, como ocorre com diversas frutas para o mercado europeu.

Apesar da proximidade do México com os Estados Unidos, acordos de livre comércio como a Alca poderiam facilitar as exportações, para o mercado norte-americano.

Mesmo sem boa parte desses incentivos, alguns pólos produtores brasileiros já estão mostrando que o Brasil tem potencial exportador e que vale a pena investir.

*A sigatoka negra ameaça espécies de banana, mas o receio de que a fruta pode desaparecer precisa ser melhor analisado*

## Banana ameaçada de extinção?

✂ **Esclarecendo o receio**  
No final de janeiro, muito se comentou sobre a possibilidade de extinção da banana dentro de dez anos, em razão da incidência da sigatoka negra. Há 40 anos presente no Brasil, a sigatoka amarela seca as folhas da bananeira e acaba com a produção. A sigatoka negra provoca os mesmos efeitos, porém com uma velocidade muito maior. Segundo pesquisa da Embrapa, uma das variedades de banana mais consumidas e produzidas no mundo, a "cavendish", espécie de nanica, pode ter sua produção seriamente prejudicada no Caribe e na África, onde seu cultivo predomina, pelo ataque da sigatoka negra. Caso essa projeção se confirme, no longo prazo, a queda da produção nessas regiões poderia incentivar as vendas de bananas nanicas brasileiras para os países consumidores da espécie "extinta". Contudo, a sigatoka negra já está presente no Brasil desde 1998, nas regiões amazônicas, e o governo tem se esforçado para controlar o transporte de bananas dessas áreas para as

zonas livres da doença. Segundo especialistas, dificilmente a barreira será eficiente por muito tempo, pois os esporos do fungo são disseminados principalmente pelo vento. De qualquer maneira, o Brasil já possui tecnologia nacional para o controle dessa doença: as variedades nanicao 2001, do IAC (tipo nanica) e a pacovan ken, da Embrapa (tipo prata). A primeira é resistente à sigatoka amarela, ao mal do Panamá e altamente tolerante à sigatoka negra. A segunda é resistente a todas. As variedades do tipo prata desenvolvidas em Honduras também são resistentes a essas doenças. Portanto, a notícia não deve ser considerada alarmante. O Brasil produz uma grande diversidade de bananas, diferentemente dos países da América Central, onde a situação é mais grave, já que se produz somente a variedade "cavendish". É importante ressaltar que as bananas produzem sementes sim, até as variedades mais domesticadas, como nanica e prata, segundo o pesquisador da IAC, Raul Moreira. Ou seja, as bananas não estão correndo risco de desaparecer, pois tanto as variedades atuais quanto as selvagens formam sementes que tornam possível o melhoramento.

### ✂ Otimismo em Minas

A retomada do ritmo do mercado em fevereiro e a menor oferta de prata na região paulista animam os produtores de Minas Gerais, que esperam aumento da demanda pela fruta mineira e

novas valorizações neste mês. A oferta de prata no estado deverá aumentar somente em março, quando a safra se inicia na região.

### ✂ Exportação dita rumo ao mercado no Vale

O calor e as chuvas devem acelerar a maturação da banana, podendo aumentar a oferta no Vale do Ribeira e pressionar os preços praticados no mercado interno. Contudo, se o volume comercializado se mantiver nos patamares registrados nos últimos meses, a nanica deve continuar valorizada também em fevereiro. Em janeiro de 2002, percebeu-se uma oferta excessiva de nanica no Vale do Ribeira e em Santa Catrina, o que pressionou os preços no mercado nacional. Entretanto, esse cenário não se repetiu no início de 2003. Os carregamentos de nanica para a Argentina e Uruguai cresceram consideravelmente na região paulista em janeiro, impulsionando os preços da nanica comercializada internamente. Ao contrário do estado catarinense, onde os preços de roça para o mercado interno e externo são iguais, no Vale do Ribeira, eles se diferem. As exportadoras chegam a pagar, em média, valores 20% maiores para a banana destinada à exportação. Isso decorre da maior variação da qualidade da banana paulista em relação à catarinense. De qualquer modo, a alta da banana tipo exportação na região do Vale tem contribuído para a valorização da nanica comercializada internamente.





*O estado nordestino deve enviar a laranja para São Paulo, desde que as chuvas não derrubem os frutos*

## SE pode suavizar escassez da oferta

### Fevereiro promete estabilidade

A escassez da oferta que marcou janeiro deste ano deve ser amenizada em fevereiro. Sergipe provavelmente enviará a fruta para SP e as laranjas temporãs devem estar em maior quantidade no mercado, seguindo o ciclo normal da cultura. Ainda assim, os preços não devem recuar no mercado interno, uma vez que o consumo deve aumentar em consequência do fim das férias, da retomada das aulas e das altas temperaturas.

### Sergipe atrasa safra temporã

Neste ano, a colheita da safra temporã de Sergipe deve iniciar em fevereiro, atrasada em um mês pela estiagem prolongada no estado. Segundo citricultores sergipanos, as "chuvas de trovoadas", como são chamadas no Nordeste as precipitações do fim de ano, não ocorreram em dezembro, refletindo no atraso da formação dos frutos. Vale ressaltar, contudo, que se as chuvas voltarem repentinamente podem derrubar os frutos da árvore, atrasando ainda mais a colheita. Produtores locais estimam um volume entre 200 e 300 mil toneladas durante a safrinha (fev/abr).

### Pouca oferta eleva preços em janeiro

Os preços dos citros comercializados no mercado interno apresentaram reação em janeiro, impulsionados pela redução da oferta. A laranja com qualidade ideal para consumo esteve pouco disponível internamente, si-

tução normal no período de fim de safra. Além disso, as frutas temporãs, que costumam entrar no mercado neste mês, estiveram em quantidade reduzida, principalmente no centro-sul do estado de SP. Produtores explicam que as altas temperaturas e umidade aumentaram a incidência da mosca-da-fruta e do bicho-furão nos pomares. Essas pragas derrubam os frutos temporãos das árvores. Para agravar o quadro, Sergipe, que normalmente suaviza a escassez da oferta paulista neste período, atrasou a colheita da safrinha temporã para meados de fevereiro. Nesse contexto, até meados de janeiro, a pêra in natura para mercado registrava alta de quase 5% em relação a dezembro. Apesar da reação dos preços, as vendas mantiveram ritmo lento na maior parte do mês, dificultadas pelas férias e pela queda do poder aquisitivo nesse período de pagamento de encargos domésticos (IPVA, IPTU).

**Preços baixos para o tahiti**  
Em janeiro, os preços do limão tahiti recuaram significativamente, como normalmente ocorre neste período de safra. Neste ano, contudo, o excesso de oferta no mercado interno foi agravado pela calma do mercado consumidor. Segundo os produtores, nem mesmo o início da moagem de tahiti por algumas indústrias (ao valor de R\$ 4,00 ou R\$ 5,00/cx 40,8kg, posto) ajudou a escoar a oferta excedente, que acabou afetando o mercado europeu. Em me-

dos de janeiro, os exportadores já comentavam que havia muito limão na Europa. A caixa do tahiti destinada às vendas externas caiu para níveis próximos a R\$ 5,00-6,00/cx 27kg, colhido.

### Geada não afeta a produção

Até o final de janeiro, segundo a associação de produtores da Flórida, as baixas temperaturas verificadas na região produtora de citros não causaram nenhum dano severo aos frutos ou às árvores. As temperaturas mais baixas ocorreram, principalmente, na região norte do estado, não prejudicando a fruta porque a maioria já foi colhida nesta região. De modo geral, até o dia 19/01, 60% da safra 2002/03 da Flórida já tinha sido colhida.



Fonte: Cepes

*A variedade é menos aceita pelo mercado consumidor*

# Agora é a vez da keitt

## Monte Alto inicia colheita de keitt

A partir de fevereiro, a manga keitt produzida na região de Monte Alto abastece o mercado consumidor, principalmente do Sudeste e Sul do país. Essa variedade, comparada à tommy e palmer, é pouco produzida na região paulista, além de ser menos assimilada pelo mercado consumidor. Alguns produtores já iniciaram a colheita no final de janeiro, o que não representou vantagem, tendo em vista a concorrência com a variedade palmer, que ainda abastece o mercado em grande volume.

## Safra 2002/03 de palmer cresce em Monte Alto

Em 2003, a oferta de manga palmer tem sido superior à disponível no mesmo período do ano passado. Isso se confirma pela redução dos valores negociados pela fruta na roça, na região de Monte Alto. Além do maior volume de manga, a indústria de polpa não processou a

palmer, dificultando a sustentação dos preços dessa variedade, como ocorreu com a tommy. A indústria ainda está testando a palmer para fabricação de polpa de suco. Como a variedade nunca foi utilizada para processamento, há receios quanto ao nível de aceitação popular. A palmer possui maior brix e aroma mais acentuado, o que requer cuidados dobrados por parte da indústria de suco brasileira.

## Brasil sai do mercado internacional

No mês de fevereiro, os embarques de manga para os Estados Unidos e União Européia praticamente encerram. Nesse período, Equador e Peru tomam a frente no mercado internacional, abastecendo-o em volume e regularidade constantes. Avaliando os dados do USDA, pode-se perceber que 2003 poderá ser um ano de ótimo desempenho para as exportações desses dois importantes produtores de manga. Na primeira semana de janeiro, o envio de manga equatoriana para os EUA superou as 509 toneladas, excedendo as 218 toneladas exportadas no mesmo período de 2002. O Equador, além do elevado volume produzido, é extremamente competitivo no que diz respeito ao número de variedades da fruta. Além da tommy, comercializa, no mercado internacional, a haden, alphonso, kent e keitt. O Peru tam-

bém apresentou crescimento no embarque da fruta aos americanos, em proporções ainda superiores. As importações, que foram de 1.893 toneladas na primeira semana de 2003, superaram as 709 toneladas do mesmo período de 2002, ou seja, acréscimo de mais de 200% nas exportações peruanas. Baseando-se no ano anterior, as exportações brasileiras, assim como as do Peru e do Equador, também devem aumentar em 2003, para os EUA e União Européia. No Vale do São Francisco, os poucos produtores que estarão produzindo em fevereiro esperam exportar a fruta principalmente para a Europa, pois os Estados Unidos são pouco atrativos nesse período. O maior entrave dos brasileiros, além da oferta reduzida, é a concorrência, não só com o Equador e Peru, mas também com a África do Sul, grande fornecedor de manga ao mercado europeu.

## Pouco movimento no VSF

Em fevereiro, a oferta de manga tende a aumentar, porém em proporções reduzidas, dado que ainda é período de entressafra nordestina. Nesse contexto, a manga Tommy pode valorizar-se. Em fevereiro do ano passado, por exemplo, os valores da tommy alcançaram média aproximada de R\$ 0,70/kg, aumentando a rentabilidade do produtor que a possuía. A comercialização de manga do Vale do São Francisco reduziu consideravelmente desde o mês passado, o que deve impulsionar os preços praticados no mercado interno.



Foto: Codevasf

FOTO: IBRAF

### ● Oferta é grande no interior paulista

As cidades paulistas São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul, que iniciaram suas safras em meados de janeiro, devem ofertar um maior volume de uva para o mercado consumidor em fevereiro, mês de pico de safra na região. Com a diminuição do volume de produção neste ano, devido aos fatores climáticos, a qualidade da fruta está muito boa, sendo considerada, pelos produtores, superior à do ano anterior. Espera-se, com isso, que os viticultores consigam obter bons preços, mantendo a média das cotações em alta. A grande preocupação para o mês de fevereiro é com o excesso de chuva, típico nesta época do ano. A umidade favorece o aparecimento de podridões e rachaduras nos frutos, depreciando seu valor e diminuindo seu período de venda. Além disso, as fortes tempestades que vêm atingindo a região Sudeste podem causar danos aos parreirais, derrubando-os. Apesar das precipitações, os produtores esperam que nenhum transtorno ocorra e que a qualidade da fruta continue boa, possibilitando seu envio para o mercado externo.

### ● Porto feliz termina safra

Em fevereiro, o volume de uva a ser ofertado por Porto Feliz (SP) será pouco representativo. A oferta da niagara deve ser pequena, enquanto a das uvas finas deve apresentar-se ligeiramente maior, já que algumas parcelas ainda faltam ser colhidas, em consequência da repoda ocorrida

*Chuvas intensas preocupam produtores paulistas. Qualidade pode ser prejudicada*

## Pico de safra em São Paulo

durante os meses de agosto e setembro de 2002. O término da colheita, entre os meses de janeiro e fevereiro faz com que muitos produtores podem os parreirais visando a uma nova colheita durante a safrinha, que deve se iniciar em meados de maio e se intensificar nos meses de junho/julho. A procura pela fruta da região, durante as festas de fim de ano, foi muito grande, resultando numa elevação dos preços, se comparados ao ano passado.

### ● Fim de colheita no Paraná

De modo geral, poucos produtores paranaenses estarão colhendo em fevereiro, sendo o volume insignificante. Na região de Rosário do Ivaí, a situação é um pouco diferente. Uma parte da produção ainda estava em fase de maturação durante o mês de janeiro e, por isso, continuará a ser ofertada em fevereiro. As podas na região já foram feitas durante os meses de dezembro e janeiro e a próxima safra deve iniciar no final de março ou início de abril, com expectativas de aumento na produção. Como previsto, com a redução das vendas em janeiro e a entrada das frutas de São Paulo, as cotações do Paraná apresentaram retração.

### ● Pouca fruta no Nordeste

A região nordestina continuará ofertando um volume pequeno de uva em fevereiro. Muitos produtores não colhem nesta época do ano, porque direcio-

### Exportação para UE anima setor em 2002

	US\$ FOB	Peso Líquido (kg)	Preço Médio
2000 (jan-nov)	8.901.875	8.332.866	US\$ 1,07 por KgL
2001 (jan-nov)	16.763.235	15.138.796	US\$ 1,11 por KgL
2002 (jan-nov)	30.609.966	23.147.215	US\$ 1,32 por KgL

Fonte: Secex

nam sua poda para que a produção se concentre a partir de abril, quando o Brasil inicia as exportações para Europa. A janela de mercado do segundo semestre de 2002 foi muito animadora e o volume exportado, como esperado, já havia superado, até novembro, a quantidade registrada nos anos anteriores. O ritmo acelerado da exportação animou os produtores e impulsionou o plantio de uvas sem semente. Para o ano de 2003, a área plantada deve aumentar em até 30% no Vale do São Francisco. As chuvas, diferente do ocorrido em 2002, estão regulares neste ano, sem causar grandes transtornos aos produtores.

### Preços foram superiores na safra 2002/2003

R\$/kg - uva beritaka - Preços médios recebidos pelos produtores do Paraná.



Fonte: Cepex

*A melhor capitalização dos produtores de Petrolina e Juazeiro na safra anterior incentivou-os a aumentar a área de plantio*

# Oferta do Vale promete ser maior



FOTO: SYNGENTA

## Área plantada cresce em 2003

A melhor capitalização dos produtores do Vale do São Francisco (Petrolina e Juazeiro) na safra anterior incentivou-os a aumentar a área de plantio de melão para 2003. A previsão de pouca chuva no Nordeste, neste ano, é mais um estímulo ao aumento das lavouras da região, já que a estiagem dificulta a incidência de pragas e doenças. O crescimento esperado é de 20% a 30% da área. O melão do Vale deve chegar em quantidade considerável nas redes atacadistas a partir da segunda quinzena de fevereiro. Um maior número de pro-

dutores optou por plantar, nesta safra, sementes de primeira geração (F1), o que deve melhorar a produtividade e a regularidade da oferta. De 70% a 80% do volume oferecido corresponde ao melão da variedade amarelo, ficando o restante com as variedades orange e pele de sapo.

## Regiões produtoras devem "se encontrar"

O início da safra no Vale e a continuidade da safra potiguar prometem aumentar a competição entre as maiores regiões produtoras nacionais. Normalmente, no final de fevereiro ou início de março, os produtores do Rio Grande do Norte diminuem sensivelmente a oferta, dando espaço ao produto do Vale. Contudo, neste ano, em função da previsão de poucas chuvas, grande parte dos produtores que costuma interromper a produção planeja emendar as safras. Os produtores da região de Baraúna (RN), que vêm sofrendo com a falta de água nos poços seguirão o planejamento normal, parando a produção no primeiro semestre. Em 2002, o cenário foi bastante diferente, as chuvas em ambas as regiões comprometeram o início da safra do Vale e interromperam a colheita na Chapada do Apodi (RN), o que levou à falta da fruta e ao aumento dos preços no período.

## Melão do Vale perde com a concorrência

Os preços do melão comercia-

lizado no mercado interno devem continuar em baixa. A chegada do melão do Vale modifica o cenário nas redes atacadistas, já que o produto chega ao mercado com qualidade inferior à apresentada pela fruta da Chapada do Apodi/Baixo Jaguaribe, sendo comercializado, normalmente, com uma defasagem de R\$ 2,00 em média. Caso a maior oferta do RN prevista para o primeiro semestre se concretize, os produtores do Vale podem perder com a competição que se estenderá durante toda a safra de Juazeiro/Petrolina.

## Exportações da América Central devem crescer

As exportações dos países da América Central, como Costa Rica, Guatemala e Honduras, serão maiores em 2003, em comparação ao volume embarcado em 2002, quando os produtores desses países sofreram severas perdas, em função de problemas fitopatológicos causados por vírus. Com isso, o melão brasileiro deixará de ganhar espaço e alcançar melhores preços em âmbito internacional. Os valores do melão que chega à Europa devem seguir estáveis frente ao último ano. A demanda pela fruta, por sua vez, deve diminuir ainda mais neste mês, exceto para a variedade honeydew. O melão orange parece não estar agradando o consumidor europeu, perdendo espaço para a variedade gália, produzida também por Israel.

## Exportação:

Renda e volume menores em 2002

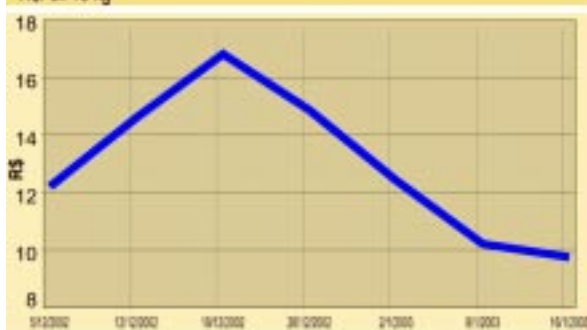
Período	US\$ Fob	Peso Líquido(Kg)
2002*	28.812.118	75.699.558
2001*	31.979.324	80.423.313

\*Até novembro

Fonte: Secex

## Fim das festas: fim dos preços altos!

Preço do melão amarelo tipo 6 origem Mossoró posto São Paulo R\$/ca 13 kg



Fonte: Cepeas





### Quebra da produção no oeste baiano

Em fevereiro, a quebra da produção de mamão no oeste da Bahia deve favorecer o sul do estado e o Espírito Santo, onde a produção está estabilizada. No final de janeiro, o oeste baiano enfrentou problemas com altas temperaturas, resultando na redução significativa da oferta local, situação que deve se estender por aproximadamente dois meses, quando a produtividade voltará ao normal, caso haja grandes investimentos em tratamentos culturais.

### Preços caem em janeiro

A colheita do mamão das roças novas, iniciada no começo de janeiro, causou mudanças no mercado no mês passado. O repentino aumento da oferta, bem como o desaquecimento do consumo neste período de férias fez com que os preços da fruta caíssem 50% em janeiro de 2003, quando comparados ao mesmo período de 2002.

### Excesso de mamão

O calor que atingiu as regiões produtoras no final de 2002 acelerou a maturação do mamão, aumentando a oferta interna no começo de 2003. Além disso, a paralisação do mercado no fim do ano prejudicou a venda de frutas em geral. Tal situação resultou em excesso de mamão no mercado, causando a devolução de cargas dos centros consumi-

*O s produtores do Espírito Santo devem ser favorecidos com a menor entrada de mamão baiano*

dores para as lavouras, pois não houve demanda suficiente para absorver a quantidade ofertada. Mesmo assim, em janeiro, produtores arriscaram introduzir cargas excedentes no mercado, o que desestabilizou o comércio e pressionou os preços do produto.

### Inovação para o transporte de exportação

O frete aéreo foi um empecilho para os exportadores de mamão na virada do ano, pois não havia espaço suficiente para embarcar todo o volume de fruta disponível. Com base nesse problema, as grandes exportadoras estão priorizando o frete marítimo, que será mais utilizado futuramente. Além de apresentar menor custo, o navio possui maior espaço para armazenagem, podendo atender à demanda externa sem risco de faltar mercadoria. Para isso, estão sendo aplicados investimentos no desenvolvimento tecnológico do transporte marítimo, visando melhorar as condições de conservação da fruta. Não só a questão da logística, mas também as condições fitossanitárias impostas pelos EUA estão conseguindo ser atendidas pelos

exportadores brasileiros, o que explica essa fase de expansão da exportação para o mercado norte-americano. Apesar das projeções otimistas, neste começo de ano, as exportações diminuíram, devido ao inverno rigoroso nos principais pólos importadores, que desaquece a procura pela fruta.

# Cai oferta do oeste baiano

## Oeste da Bahia permanece na frente

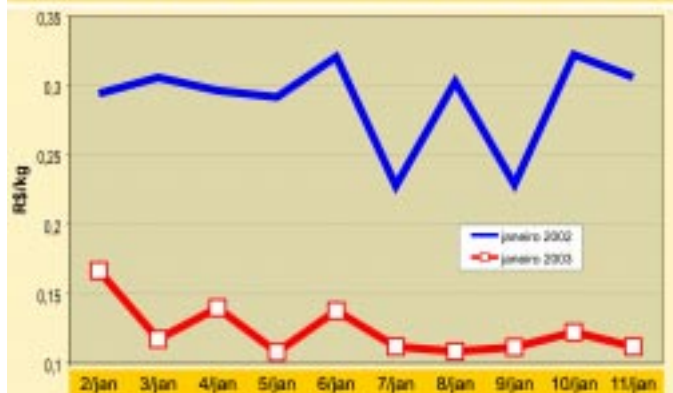
Preços médios recebidos pelos produtores do oeste baiano - Hawaii [12-18] - em janeiro/03 - R\$/kg



Fonte: Cepes

## Aumento da oferta reduz preço em 2003

R\$/kg - mamão Hawaii [12-18] - Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo



Fonte: Cepes

Por Vanda Nunes, Maurício S. Ferraz, Gustavo Bacchi, Eryvan L. Pires e Paulo R.C. Lopes

# Qual é o impacto da

O Brasil enfrenta um desafio para os próximos anos: aumentar significativamente as exportações de produtos agropecuários, principalmente de carnes e frutas.

Além de todos os investimentos necessários, é preciso atentar a um dos fatores que possui grande influência na aceitação dos produtos brasileiros no exterior: nossa capacidade de atender à requisitos específicos voltados à qualidade dos produtos e segurança deles aos consumidores.

Segurança do alimento é um tema estratégico e um dos fatores de maior influência na aceitação de nossos produtos, pois envolve além do aspecto de saúde pública dos consumidores, a competitividade do país no mercado externo.

Há algum tempo, a integração comercial em escala global está sendo acompanhada por uma progressiva redução de barreiras tarifárias. Por outro lado, ocorre uma elevação das barreiras chamadas não-tarifárias, principalmente aquelas consideradas técnicas. As economias mais fortes tendem a tornar-se cada vez mais restritivas, objetivando a proteção de seus mercados e a segurança de seus consumidores, pois não existe apelo que ganhe mais atenção que aqueles relacionados ao perigo à saúde pública de uma determinada nação. Essa tendência vem se refletindo por meio da criação de diversas legislações e esquemas voluntários de certificação.

Na área agrícola, em meados do século passado, surgiu o chamado MIP (Manejo Integrado de Pragas), que representou um importante passo para a redução da utilização de agrotóxicos na produção. Porém, houve também um reconhecimento da dificuldade de implementação da produção orgânica em um curto espaço de tempo. Dessa forma, foi estabelecida uma produção intermediária entre a produção convencional e a orgânica, que recebeu o nome de Produção Integrada, pelo fato de preocupar-se com o produto desde a fase inicial de produção até a chegada às mãos do consumidor.

Essa tendência, aliada a outros fatores de preocupação dos mercados mais desenvolvidos, principalmente com assuntos relacionados à preservação do meio ambiente e vida silvestres e preservação das condições de saúde dos trabalhadores e consumidores, deu origem a maioria dos modelos de certificação hoje existentes.

A demonstração do comprometimento e cumprimento desses critérios mínimos vêm sendo demonstrados através de esquemas voluntários criados por diversas entidades e grupos de interesse na compra de produtos agrícolas.

---

## *Apesar de não ser obrigatório, os importadores exigem cada vez mais frutas certificadas*

---

Um bom exemplo dessa exigência é a norma EUREPGAP, criada no final da década passada por um Grupo de Varejistas Europeus (EUREP). A norma demanda implementação e verificação independente através de processos de certificação, que possam assegurar a conformidade com os requisitos destes compradores. Nessa norma, são abordados assuntos de Boas Práticas de Agricultura, com ênfase em segurança dos alimentos (através da técnica do APPCC), preservação do meio ambiente e da vida silvestre e preservação dos direitos dos trabalhadores.

No Brasil, embora já existam diversas empresas certificadas, temos dificuldades específicas. Uma delas é a nosso cenário de registro e controle de produtos fitossanitários. A norma exige que todas as propriedades candidatas à certificação utilizem somente produtos registrados no nosso país para a cultura específica. Além disso, é crescente a barreira imposta por outros países, principalmente pelos EUA, o que dimi-

nui a oferta de produtos autorizados para utilização e exportação.

Outro ponto é que o processo de certificação é menos custoso que a tradicional inspeção lote a lote, empregado também para a verificação da qualidade e segurança dos produtos.

Outro exemplo de certificação, genuinamente nacional, é o PIF (Produção Integrada de Frutas) criado pelo Governo Federal. Esse modelo de certificação, hoje a cargo do Sistema Brasileiro de Certificação – INMETRO, traz em seus elementos as mesmas cláusulas atendidas pelo Protocolo EUREPGAP. Ele será aplicado para mais de 23 frutas brasileiras, embora apenas a maçã esteja passível, neste momento, de certificação. Os próximos modelos, já em fase de conclusão, envolvem a Produção Integrada de mangas, uvas e papaia. Essa atitude se configura em um reconhecimento do nosso país frente às exigências internacionais que estamos sendo submetidos.

É importante lembrar que embora esses esquemas de certificação sejam voluntários, é cada vez maior a pressão por parte dos compradores para que as empresas brasileiras possam demonstrar conformidade com os requisitos das normas.

Em questão de marketing, a certificação, comprovadamente diferencia o produto com investimentos substancialmente menores que aqueles envolvidos na formação de uma marca. Os sistemas de certificação adicionam valor ao produto sem que se precise transformá-lo para que possa ser eleito pelo seu consumidor.

Hoje, se um comprador puder escolher entre uma empresa certificada, que consiga demonstrar sua habilidade em atender a esses requisitos e outra que não se importou em adequar suas produções a essas exigências, com quem vocês acreditam que ele ficaria?

*Vanda Nunes é gerente de desenvolvimento de Negócios da SGS do Brasil.*

*E-mail: vanda\_nunes@sgs.com*

# certificação na fruticultura?

## Selo de certificação

“O prazo para a adoção do EUREPGAP foi prorrogado para dezembro de 2003 e, a partir de 2004, os compradores europeus só irão importar de quem tiver o selo de certificação. Algumas grandes redes passam a exigir a certificação imediatamente, ou seja, dão preferência aos exportadores já credenciados. O Nordeste, principal exportador de manga, uva e melão, já está bem adiantado e as grandes empresas exportadoras já possuem o selo. No estado de São Paulo, o maior problema da certificação é a questão da pequena propriedade, principalmente produtora do limão tahiti para exportação. O packing house compra de vários produtores, dificultando o controle da certificação, gerando confusão sobre quem ficará responsável por ela, os produtores ou o packing.”

**Maurício de Sá Ferraz** - Gerente da Central de Serviços de Exportação do IBRAF

## Vale com profissionalismo

“O mercado é bastante competitivo e hoje é muito fácil exportar. O mais difícil é comercializar! Há no Vale do São Francisco mais de 30 empresas exportadoras e isso é um “prato

cheio” para os importadores que recebem a fruta consignada. Essas exigências químico e fitossanitárias só vão beneficiar àqueles que tem profissionalismo e demonstram seriedade. A exportação de manga no Vale foi uma mina de ouro no início, porém hoje, ou você entra profissionalmente na linha de produção, exportação e comércio, ou você está fora. Lógico que essas restrições não podem ser abusivas ao ponto de se tornarem barreiras políticas.”

**Eryvan Leal Pires** - Gerente Comercial da Timbaúba Agrícola S. A.

## Produção Integrada de Frutas (PIF)

“Ainda não há uma data certa para término da certificação do PIF, porém, até 2003 tudo já deve estar regulamentado. Uma lista de produtos químicos utilizados na produção foi enviada para o Ministério da Agricultura para serem registrados, garantido a segurança dos alimentos. A maioria dos exportadores de uva e manga já faz parte do PIF. Dos produtores de uva, 100% devem estar dentro do programa até o final do ano. A única dificuldade, no momento, é com os pequenos produtores, que não estão tendo condi-

ções de contratar técnicos para dar a assistência necessária para esse sistema de produção. A nossa próxima meta será a inserção desses produtores e as estratégias para isso já estão sendo discutidas entre a EMBRAPA e as associações de produtores.”

**Paulo Roberto Coelho Lopes** - Chefe geral da EMBRAPA Semi-Árido - Petrolina - PE

## Produção Integrada consolida fruticultura regional

“Os setores produtivos e as autoridades ligadas à área agrícola estão agilizando os procedimentos legais para tornar oficiais as Normas Técnicas de Produção Integrada de manga e uvas finas de mesa. Estima-se, para até o final do ano, a publicação no Diário Oficial da União dessas normas. É o passo final para a certificação dessas frutas. O certificado atesta a conformidade dos pomares ao sistema de Produção Integrada (PI). Empresas credenciadas pelo INMETRO e Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, serão responsáveis por auditar à conformidade dos sistemas nas fazendas. O objetivo da PI é melhorar o manejo das culturas, racionalizando o uso de agrotóxicos, reduzindo custos de produção e melhorando a sustentabilidade ambiental. Aquelas que atenderem aos requisitos estabelecidos nas normas receberão o selo de conformidade. O sistema de cultivo põe a fruticultura brasileira nos níveis de qualidade exigidos pelos mercados internacionais.”


Segundo a EMBRAPA Semi-Árido, atualmente, 43 fazendas produtoras de manga e 30 de uva participam do programa. Praticamente todas elas exportam suas safras para os mercados norte-americano e europeu. A Embrapa apresentou projeto ao Banco do Nordeste para ampliar o projeto de Produção Integrada para pequenos e médios produtores do Vale do São Francisco.”

**Paulo Roberto Coelho Lopes** - Trecho do texto “Produção Integrada consolida fruticultura regional”, Paulo é coordenador do Projeto de Produção Integrada e chefe geral da Embrapa Semi-Árido (Petrolina-PE)

## O que é o EUREPGAP ?

A indústria alimentícia está cada vez mais atenta às iniciativas voltadas ao conhecimento da origem dos produtos, visando à redução dos riscos alimentares. Uma dessas iniciativas, orientada para o controle de qualidade dos alimentos consumidos na Europa é o padrão EUREPGAP. Esse padrão, fruto do trabalho de um grupo de empresas varejistas (Euro-Retailer Produce Working Group – EUREP) que se reúne desde 1997, objetiva atender à crescente demanda dos consumidores por garantias e padrões relacionados com as “boas práticas agrícolas” (Good Agricultural Practice – GAP). Originalmente, os produtos-alvo desse padrão foram as frutas e hortaliças. Recentemente, foram elaborados os padrões para flores, café e produtos de origem animal. Atualmente, o padrão EUREPGAP está sendo adotado com maior intensidade por empresas do Reino Unido. Contudo, aos poucos, os principais distribuidores e varejistas dos demais países da União Européia estão exigindo o certificado EUREPGAP de seus fornecedores. A adoção desse padrão que prioriza, entre outros aspectos, as práticas do manejo integrado de pragas (MIP), o rastreamento dos produtos e o respeito às questões sociais e ambientais, é verificado por organizações independentes que inspecionam e certificam as diversas etapas da cadeia do agronegócio, desde a produção até a distribuição final dos alimentos.

**Gustavo Bacchi** (gbacchi@terra.com.br), Engenheiro agrônomo da BCS Öko-Garantie - Brasil

 Dow AgroSciences

# Curathane\*

**Fungicida**

**(Mancozeb + Cymoxanil)**



**CURATHANE\*** é  
comprovadamente eficiente no  
controle da Requeima no  
Tomate e na Batata.

**Dupla Proteção:**  
Ação Preventiva e  
Sistêmica Local  
(erradicante)

**ATENÇÃO** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um  
engenheiro agrônomo.

Venda sob  
receituário agrônômico.

